



Zero Hora, 3 de Dezembro de 2015

EM DIA

A ARMADILHA DO CURTO PRAZO



PEDRO DUTRA FONSECA
Professor Titular do Departamento de Economia e
Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

Por que se adia a reforma da previdência, se é sabido que entrará em colapso em poucas décadas? Ouso dizer que é pela mesma razão de termos megalópoles sem metrô, estudantes que concluem o Ensino Fundamental sem saber interpretar um texto, ou de termos medo de caminhar no centro da cidade. O país possui uma dificuldade histórica de enfrentar problemas estruturais, o que se acentuou nas últimas décadas com o campo fértil ao hedonismo, ao individualismo e à dissociabilidade. Os políticos tendem a restringir sua atuação à próxima eleição, ao contrário dos estadistas, que pensam o longo prazo. Nesse sentido, o último presidente-estadista que tivemos foi Geisel (Itaipu, Proálcool, prospecção marítima de petróleo). Antes, Vargas e, com boa vontade, Campos Sales.

Mas não se deve responsabilizar só os políticos: a superação da pobreza do debate exige ir além da crítica moral, conquanto se saiba das limitações da atual safra. Eles também compartilham o “espírito da época”, aprisionados pela realidade da caverna platônica. A crise apro-

funda a ditadura do curto prazo. Como tratar de reformas estruturantes da educação, se não se sabe como pagar a folha deste mês? E a previdência, quando urge achar R\$ 100 bilhões para fechar o orçamento? Os problemas pipocam e a ação do Estado é mais reativa que proativa, mais de balcão que de planejamento, como um hospital onde a emergência é tão demandada que não restam meios para outras formas de atendimento. E não se restringe ao setor público: também empresários se veem aprisionados pelos problemas do dia a dia, principalmente em crises como a atual, de modo a energia para fechar o mês se esgota, restringindo o tempo para planejar estratégias de longo prazo.

Todavia, mostra a história, as crises também têm a capacidade de forçar a emergência de alternativas inovadoras e capazes de reagir ao marasmo e ao aprisionamento do cotidiano. Celso Furtado argumentava que o subdesenvolvimento tendia a se reproduzir e sua superação exigia romper tal círculo vicioso. Se isso é verdade, derrubar a “armadilha do curto prazo” é o xis do problema.